

GT 03 - Gênero, trabalho, profissões e políticas sociais na América Latina, na atualidade:  
o que nos aproxima e o que nos distancia?

**A mulher no processo industrial de reciclagem: divisão sexual do  
trabalho e informalidade**

**Fabiana Sanches Grecco, mestranda no  
Programa de pós-graduação em Ciências  
Sociais da Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –  
Faculdade de Filosofia e Ciências de  
Marília.**

## **A mulher no processo industrial de reciclagem: divisão sexual do trabalho e informalidade**

### **RESUMO**

No Brasil, a organização do trabalho no processo produtivo da indústria de reciclagem é marcadamente dividida e hierarquizada entre os sexos. Da mesma forma, essa divisão e hierarquia aparecem quando a catação de materiais recicláveis é comparada com outras atividades, isto é, as mulheres constituem, dentro dessa divisão social do trabalho, grupo majoritário nas atividades mais precárias. Diante disso, como recorte importante para a análise da indústria de reciclagem, estudamos a divisão sexual do trabalho na catação de materiais recicláveis. Para isso, trazemos a discussão de duas situações distintas de mulheres catadoras. A primeira é a da divisão sexual do trabalho no interior de uma associação de catadores de materiais recicláveis na cidade de Araçatuba/SP, a segunda aborda o trabalho informal de algumas mulheres na cidade de Marília/SP.

## **A mulher no processo industrial de reciclagem: divisão sexual do trabalho e informalidade**

O trabalho na indústria de reciclagem pode ser pensado como uma atual e complexa etapa de expansão da *produção* capitalista que incorpora o lixo, por meio, principalmente, de um discurso de incentivo ao *consumo* de mercadorias que prometem uma relação menos agressiva ou, até mesmo, não agressiva do homem com o planeta. Ou seja, incorporando o lixo como *matéria-prima* da produção de mercadorias recicladas, a *produção* pode suprir uma determinada necessidade social ao realizar os desejos de consumo atuais que são fundamentados na visibilidade do ecologismo.

Porém, não apenas a incorporação do lixo é um fator de expansão capitalista. A estrutura da *produção/consumo* de mercadorias ecológicas invisibiliza o contingente de trabalhadoras e trabalhadores que está distante da partilha dos lucros, mas fundamentalmente inserido nesse processo de produção, marcado por desigualdades sociais e pela exploração de força de trabalho.

A produção capitalista apóia-se em condições históricas específicas para expandir sua exploração. As relações sociais historicamente marcadas por opressões entre mulheres e homens, que aparecem na divisão social do trabalho entre os sexos, é uma das possíveis abordagens para a análise da expansão da produção.<sup>1</sup> No Brasil, a indústria de reciclagem pôde crescer nas últimas décadas na medida em que encontrou um contingente de trabalhadoras e trabalhadores em situação precária, onde a catação de materiais recicláveis tornou-se uma fonte de subsistência. A organização desse trabalho, no interior do processo produtivo, é dividido e hierarquizado entre os sexos. Da mesma forma, essa divisão e hierarquia aparecem quando a catação é comparada com outras atividades, isto é, dentro dessa divisão social, o grupo majoritário nas atividades mais precárias, é constituído por mulheres.

Se, por um lado, as mulheres conquistaram maior espaço na vida pública, no trabalho e na política (ARAÚJO e FERREIRA, 2000) a partir da década de 1970, por

---

<sup>1</sup> A categoria analítica “mulher” é considerada neste estudo, distante de qualquer tipo de essencialismo. Trata-se de uma ideia de mulher que, atenta à historicidade, sem um sentido definido. Estamos pensando as mulheres em contexto históricos específicos, sem que a questão da dominação, da exploração e da opressão, seja afirmada como um lugar comum (NICHOLSON *apud* PISCITELLI, 2002). Estamos considerando nesse estudo também, uma divisão binária entre sexos (homens e mulheres), levando-se em conta as condições históricas da pesquisa e a matriz binária heteronormativa (BUTLER, 2012) em que a sociedade brasileira e a organização do trabalho apóiam-se.

outro, a situação de maior exploração no trabalho em relação aos homens não foi alterada. São muitos os estudos que trazem a discussão da maior exploração da força de trabalho das mulheres, em relação à exploração da força de trabalho dos homens, demonstrando que o aumento da incorporação formal das mulheres à produção, ocorre de forma precária (ASSUNÇÃO, 2011; NOGUEIRA, 2004), sendo elas também maioria nos trabalhos terceirizados (AMORIM, 2011) e informais (ARAÚJO, 2012).

É possível observar uma nítida divisão sexual do trabalho no interior do processo industrial de produção da mercadoria-lixo. Em Araçatuba, noroeste do Estado de São Paulo, o trabalho com a catação na cidade acontece predominantemente por trabalhadoras e trabalhadores associados. Na ACREPOM (Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais recicláveis de Araçatuba/SP), há um equilíbrio entre a quantidade de catadoras e catadores associados, porém, os trabalhos chamados externos são predominantemente executados por homens, enquanto que os trabalhos internos são realizados predominantemente por mulheres.

Quando falamos de divisão sexual do trabalho não nos referimos de uma forma usual do termo que, conforme apontam Helena Hirata e Daniele Kergoat (2007), estaria desprovido de qualquer conotação conceitual. Pelo contrário, observamos a divisão sexual do trabalho no interior da atividade de catação tão bem marcada pelas relações sociais entre os sexos que permeiam a divisão social do trabalho, que ela poderia ser observada como uma fotografia desse modelo, arcaica que é em sua forma e em sua expressão. Observamos, da mesma forma, os dois princípios apontados pelas autoras, no interior dessa “fórmula modulada histórica e socialmente”.

Haveria nesse modelo de divisão sexual de trabalho dois princípios: um princípio de separação e outro hierárquico. O primeiro versa sobre a existência de trabalhos designados para homens e outros para mulheres, o segundo versa sobre o trabalho designado ao homem ter maior valor do que o que encarrega à mulher de sua execução. Ambos poderiam, segundo as autoras, ser aplicados mediante a legitimação da ideologia naturalista, ou seja, aquela que rebaixa o gênero ao sexo biológico e que, por isso, “reduz as práticas sociais a papéis sociais sexuais”, caminhando, dessa forma, para um “destino natural da espécie” (HIRATA e KERGOAT, 2007).

Nas atividades com a prensa (interno) e com o caminhão (externo: motorista, guia do motorista e catadores ajudantes), estão os homens, já na atividade de separação em que é necessário separar os materiais com as mãos, aos fundos da associação, estão as

mulheres, sendo que as outras atividades ocupadas por elas seriam apenas as de cozinheira e atendente. Essas trabalhadoras e trabalhadores realizam essa atividade como a única ou principal fonte de renda e a separação é justificada por uma suposta desvantagem de força física entre os sexos.

Já na cidade de Marília-SP, a organização e estrutura da atividade de catação toma outra dimensão. As catadoras e catadores estão predominantemente desvinculados de associações e cooperativas, sendo que o maior parte desse trabalho nas ruas, é realizado por mulheres. Um contingente de mulheres executa a catação como uma fonte de renda extra. Há um número de pelo menos vinte mulheres trabalhando (como principal fonte de renda) na limpeza de lápides de cemitérios. É nesse local que elas começam a atividade de catação, desde vasinhos de flores à restos de velas. Algumas mulheres se dividem entre as duas atividades há mais de 20 anos.

O conjunto de transformações econômicas, sociais e culturais recentes, não teria alterado, de forma significativa, a divisão sexual do trabalho. Ainda há a permanência de uma parcela expressiva das mulheres nas posições mais precárias, desprotegidas e mal remuneradas no mercado de trabalho (ARAÚJO, 2012). As mulheres ainda estão menos protegidas, tanto pela legislação do trabalho quanto pelas organizações sindicais, e acabam por serem absorvidas por essas atividades precárias. (HIRATA, 2001-2002 *apud* LEITE; WIRTH e CHERFEM, 2012).

Essa situação de desequilíbrio entre mulheres e homens no trabalho é o reflexo da divisão social entre os sexos que naturaliza mulheres e homens, isto é, haveria uma aptidão natural da mulher para o cuidado e para minuciosidades (atividades vistas como uma continuidade das tarefas desempenhadas no espaço doméstico), na mesma medida, os trabalhos que demandam essas aptidões são menos valorizados por tratarem de aptidões naturais e não de qualificações profissionais. Haveria também, como divisão naturalizada, uma deficiência de força física das mulheres em relação aos homens. Ainda há o peso para as mulheres das obrigações relativas às atividades reprodutivas, ou seja, a reprodução permanece como um elemento de influência na sua inserção, confinamento, vulnerabilidade e instabilidade, e isso é verificado principalmente no contexto da informalidade. Ou seja, o contexto informal de trabalho possibilitaria à mulher maior flexibilidade, algo importante para a sua tarefa naturalizada de reprodução da vida familiar e a sua situação social de provedora secundária da família, em que a sua renda é apenas complementar.

## METODOLOGIA

As atividades de pesquisa foram divididas entre pesquisa bibliográfica e empírica. A pesquisa e análise bibliográfica buscam pelo tema catadores de materiais recicláveis, tanto quanto sobre as categorias analíticas que perpassam os objetivos dessa pesquisa, bem como sobre os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa empírica.

No momento inicial da pesquisa empírica foram realizadas entrevistas de caráter semi-estruturado, com o intuito de conhecer e estabelecer o primeiro contato entre o pesquisador e o grupo pesquisado. No momento seguinte, as entrevistas são baseadas no fundamento metodológico de relatos orais. Para nossos objetivos, a pesquisa com alguns trabalhadores catadores anteriormente pesquisados na cidade de Araçatuba/SP (iniciação científica) foi retomada, e com o intuito de abranger o estudo, são entrevistados também alguns trabalhadores residentes na cidade de Marília/SP.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

ALVES, Maria Aparecida, TAVARES, Maria Augusta. *A dupla face da informalidade no trabalho: “autonomia” ou precarização*. In: ANTUNES, Ricardo. *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

AMORIM, Elaine Regina Aguiar. *No limite da precarização? Terceirização e trabalho feminino na indústria de confecção*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2011.

AMORIM, Henrique. *Trabalho, classes sociais e luta política*. In: ALVES, G.; BATISTA, R. L.; MONTEIRO, A. *Trabalho e Sociabilidade – perspectivas do capitalismo global*. Bauru: Canal 6, 2012.

\_\_\_\_\_. *Teoria Social e Reduccionismo Analítico: para uma crítica ao debate sobre a centralidade do trabalho*. 1. ed. Caxias do Sul: Editora da Universidade Estadual de Caxias do Sul, 2006.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus Ao Trabalho? – Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo: Editora Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. (org). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. *Informalidade e relações de Gênero*. in Isabel Georges e Marcia Leite (orgs), *Novas configurações do trabalho e economia solidária*, São Paulo, Annablume, 2009.

ARAÚJO, Ângela M.C.; FERREIRA, Verônica C. *Sindicalismo e relações de gênero no contexto da reestruturação produtiva*. In. Rocha, Maria Isabel Baltar (org) *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. São Paulo, Ed. 34, 2000.

ASSUNÇÃO, Diana. *A precarização tem rosto de mulher: a luta das trabalhadoras terceirizadas da USP*. São Paulo: Edições Iskra, 2011.

BOSI, Antônio de Pádua. *A Organização Capitalista do Trabalho "Informal": o caso dos catadores de recicláveis*. RBCS Vol. 23 n.o 67 junho/2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

GEORGES, Isabel; LEITE, Marcia. *Novas configurações do trabalho e economia solidária*, São Paulo, Annablume, 2009.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HIRATA, Helena. *Mundialização, divisão sexual do trabalho e movimentos feministas transnacionais*. Cadernos de Crítica Feminista. 2009, Ano III, n.2, pp. 80-105, dez 2009.

\_\_\_\_\_. *Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

\_\_\_\_\_. *Globalização e divisão sexual do trabalho*. Cadernos Pagu. Campinas (17/18) 2001-2002. p. 139-156.

KERGOAT, Danièle. *Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais*. Novos Estudos, CEBRAP, 86, p. 93-103. março 2010.

LEITE, Márcia de Paula; WIRTH, Ioli Gewehr; CHERFEM, Carolina Orquiza. *Trabalho e resistência na reciclagem: movimento social, política pública e gênero*. (mimeo)

LEITE, Márcia de Paula. *Trabalho e Sociedade em Transformação: mudanças produtivas e atores sociais*. Fundação Perseu Abramo, 2003.

MARX, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política*, vol. 1, livro primeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MATOS, Marlise. *Teorias e gênero ou teorias de gênero? Se e como os estudos feministas se transformaram em um campo novo para as ciências*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2008.

NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, VOL8. N.2/2000.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. *A feminização do mundo do trabalho*. Editora Autores Associados LTDA, Campinas, 2004.

PISCITELLI, Adriana. *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. Sociedade e cultura, Vol. 11, Núm. 2, julio-diciembre, 2008, pp. 263-274.

\_\_\_\_\_. *Recriando a (categoria) mulher?* In: ALGRANTI, Leila (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002.

POCHMANN, Márcio. *Desempregados do Brasil*. In ANTUNES, R.(org.) *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Quantos sexos? Quantos gêneros? Unissexo/Unigênero?* Cadernos de Crítica Feminista, Ano III, N. 2 – dez 2009, p. 6-33.

\_\_\_\_\_. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. – (Coleção Brasil Urgente).

\_\_\_\_\_. *Rearticulando Gênero e Classe Social*. In COSTA, Albertina; Bruschini, Cristina (org). *Uma questão de gênero*. São Paulo, Ed. Rosa dos Tempos/FCC, 1992, p. p. 183-215.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2,jul./dez. 1995, pp . 71- 99.